



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2013: SIC - XXV SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2013
<b>Local</b>	Porto Alegre - RS
<b>Título</b>	Formalização da Aquisição das Codas Mediais /p/ e /k/ do Inglês (L2) e do Português por Aprendizes Falantes de Dois Diferentes Dialeto do Português Brasileiro: Análise via Teoria da Otimidade Estocástica
<b>Autor</b>	BRUNA KOCH SCHMITT
<b>Orientador</b>	UBIRATÃ KICKHOFEL ALVES

O presente trabalho investiga a aquisição das codas mediais /p/ e /k/ do inglês (L2) e do português por aprendizes de dois diferentes dialetos do português brasileiro: gaúcho e paraibano. Os padrões silábicos do inglês e do português brasileiro diferem no que concerne aos segmentos permitidos na posição de coda. No molde silábico do português brasileiro proposto por Bisol (1999), segmentos obstruintes não são permitidos na posição de coda silábica (Condição de Coda – CC, ex. [ra.pi.tu] – “*rapto*”), enquanto que o inglês, por outro lado, permite que segmentos obstruintes preencham esta posição silábica (HAMMOND, 1999; ALVES, 2008). Isso leva os aprendizes brasileiros de nível básico a usarem uma estratégia de reparo silábico ao produzirem as codas do inglês, para satisfazer a condição da L1, o que constitui uma transferência fonético-fonológica dos padrões silábicos do português (L1) para o inglês (L2). A inserção de um segmento vocálico epentético, nesse caso, é a estratégia de reparo mais comum entre aprendizes brasileiros de inglês (SILVEIRA, 2002). Com base nesta descrição fornecida pela literatura, neste trabalho investigamos: a) quais são os padrões acústicos produzidos pelos aprendizes; b) se há alguma influência do dialeto da L1 (gaúcho ou paraibano) na aquisição das codas do inglês (L2); e c) como a aquisição fonético-fonológica das codas do inglês pode ser formalizada dentro de uma teoria de gramática (no caso, a Teoria da Otimidade Estocástica). A partir desta caracterização, foram coletados os dados de sete falantes gaúchos e paraibanos, aprendizes básicos do inglês (*Oxford Placement Test* – ALLAN, 2004). O instrumento de coleta consistia em frases-veículo com o segmento-alvo pós-vocálico, em português e em inglês (ex. *Diga rapto; Say captain*). Foi feita uma análise acústica dos dados usando o software *Praat*, versão 5.2.21 (BOERSMA & WEENINK, 2011). Como resultados, temos que os principais padrões acústicos produzidos pelos aprendizes foram: plosiva sem soltura, plosiva com soltura curta, plosiva com soltura longa, plosiva seguida por epêntese desvozeada e plosiva seguida por epêntese vozeada. Os dados foram analisados utilizando-se o modelo da Teoria da Otimidade Estocástica (BOERSMA & HAYES, 2001), tendo-se o gesto articulatório como primitivo de análise (BROWMAN & GOLDSTEIN, 1992), com base na proposta de ‘pontos de ancoragem’ de Gafos (2002). Esperamos, assim, contribuir para um melhor entendimento sobre a aquisição fonético-fonológica do inglês (L2) por falantes brasileiros, sobre a influência que o dialeto de L1 pode ter na aquisição do inglês (L2), e, finalmente, sobre como a aquisição pode ser formalizada dentro de uma teoria fonológica, utilizando-se um primitivo de base articulatória, no caso, o gesto fonológico.